Convergências: estudos em Humanidades Digitais

FREQUÊNCIAS EM DISPUTA: AS IMAGENS DO MOVIMENTO MÃES DE MAIO E DO GOVERNADOR CLÁUDIO CASTRO NO INSTAGRAM 15 DIAS APÓS A OPERAÇÃO CONTENÇÃO[1]

Contested Frequencies: images of the Movimento Mães de Maio and Governor Cláudio Castro on Instagram 15 Days After Operation Containment

Frecuencias en disputa: las imágenes del Movimento Mães de Maio y del gobernador Claudio Castro en Instagram 15 días después de la Operación de Contención

Maurício Reis Araújo[2]

Resumo: Este artigo analisa imagens postadas nos perfis do Instagram do Movimento Mães de Maio e do governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro, nos quinze dias seguintes à Operação Contenção. Objetiva-se compreender como o movimento disputa visibilidade e produz resistência frente à narrativa sobre jovens negros e periféricos mortos na operação. A metodologia parte da proposta de Tina Campt (2017) de "ouvir imagens". Os resultados indicam que as imagens do movimento operam em frequências baixas, que exigem atenção, recusando o esquecimento das vítimas e performando uma futuridade de justiça por vir, enquanto as do perfil do governador operam em frequências altas, espetacularizando a operação, invisibilizando os mortos e projetando um futuro de continuidade da violência estatal.
Palavras-chave*:* Movimento Mães de Maio. Violência de Estado. Instagram. *Listening to Images*. Resistência.

Abstract: This article analyzes images posted on the Instagram profiles of the Movimento Mães de Maio (Mothers of May Movement) and of the governor of Rio de Janeiro, Cláudio Castro, in the fifteen days following Operação Contenção (Operation Containment). The aim is to understand how the movement contests visibility and produces resistance against the narrative concerning young Black and peripheral people killed in the operation. The methodology draws on Tina Campt's (2017) proposal of "listening to images." The results indicate that the movement's images operate at low frequencies, which demand attention, refusing to let the victims be forgotten and performing a futurity of justice to come, while those

[1] Artigo apresentado para obtenção de nota na disciplina Temas Contemporâneos em Comunicação, Consumo e Contextos de Recepção III - Transformações Comunicacionais na Sociedade de Plataforma. Professora Dra. Egle Müller Spinelli.

[2] Doutorando bolsista CNPq no programa de Comunicação e Práticas de Consumo da Escola Superior de Propaganda e Marketing - ESPM na linha de pesquisa Comunicação, consumo e contextos de produção (2025). E-mail: mauricio.araujo.93@acad.espm.br; Lattes: http://lattes.cnpq.br/4831655812107296; Orcid iD: https://orcid.org/0000-0003-0193-2523.

on the governor's profile operate at high frequencies, spectacularizing the operation, rendering the dead invisible, and projecting a future of continued state violence.
Keywords*:* Movimento Mães de Maio. State Violence. Instagram. Listening to Images. Resistance.

Resumen: Este artículo analiza imágenes publicadas en los perfiles de Instagram del Movimento Mães de Maio (Movimiento Madres de Mayo) y del gobernador de Río de Janeiro, Cláudio Castro, en los quince días posteriores a la Operação Contenção (Operación Contención). Se busca comprender cómo el movimiento disputa visibilidad y produce resistencia frente a la narrativa sobre jóvenes negros y periféricos muertos en la operación. La metodología parte de la propuesta de Tina Campt (2017) de "escuchar imágenes". Los resultados indican que las imágenes del movimiento operan en frecuencias bajas, que exigen atención, rechazando el olvido de las víctimas y performando una futuridad de justicia por venir, mientras que las del perfil del gobernador operan en frecuencias altas, espectacularizando la operación, invisibilizando a los muertos y proyectando un futuro de continuidad de la violencia estatal.
Palabras clave: Movimiento Madres de Mayo. Violencia de Estado. Instagram. Listening to Images. Resistencia.

Introdução

Em 28 de outubro de 2025, o Governo do Rio de Janeiro realizou uma megaoperação na cidade do Rio de Janeiro para combater a atuação do grupo criminoso Comando Vermelho. A chamada Operação Contenção ocorreu nos complexos do Alemão e Penha, na Zona Norte do Rio de Janeiro, e mobilizou cerca de 2.500 agentes de segurança. A operação resultou na morte de 121 pessoas, sendo 4 agentes de segurança. Do total, apenas uma mulher está na lista dos mortos, enquanto os demais são homens de 14 a 55 anos.

A operação foi alvo de controvérsias, visto o número de corpos recolhidos nas matas e enfileirados pela própria população para identificação. As cenas altamente repercutidas por veículos nacionais e internacionais, foram também objetos de especulação quanto à eficácia dessa operação mais violenta da história do Rio de Janeiro em número de mortos e falta de prisão dos líderes de alto escalão do Comando Vermelho. O jornal *The New York Times*[3] reforçou esse questionamento, visto que há anos essas operações ocorrem e miram as pessoas recrutadas para atuarem no mais baixo escalão do Comando Vermelho, quando o poderio da organização poderia ser mais eficazmente combatido em sua parte financeira.

[3] IÓNOVA, Ana. Mais de 130 mortos em sangrenta operação contra gangues de narcotraficantes no Rio de Janeiro. ***The New York Times***, Rio de Janeiro, 29 out. 2025, p. A8 (edição impressa de Nova York). Disponível em: https://www.nytimes.com/2025/10/29/world/americas/rio-brazil-police-raid-deaths.html. Acesso em: 05 nov. 2025.

A morte prioritariamente de homens pobres, pretos e favelados, que são usados como "soldados" do crime, é o resultado de um problema social brasileiro iniciado ainda no final oficial do regime escravocrata. Pessoas negras libertas, sem lugares para onde ir, passaram a morar em cortiços, que, segundo Valladares (2005), estão na origem das favelas. Ao longo dos anos, reformas urbanísticas expulsaram cada vez mais pessoas pobres dos centros das grandes cidades para as zonas periféricas, como as demolições de cortiços no Centro do Rio de Janeiro, que estão ligadas à ocupação dos morros no início do século XX (Valladares, 2005). Esses locais carecem de estrutura e oportunidades, tornando as pessoas vulneráveis ao recrutamento pelo crime organizado, que oferece oportunidades de ascensão que as políticas públicas não proporcionam.

Grupos criminosos como o Primeiro Comando da Capital surgiram dentro de presídios a partir, não somente, mas principalmente da reivindicação de melhorias nos sistemas prisionais (Biondi, 2010). Ou seja, no âmago dessas organizações está o descaso do próprio Estado Brasileiro, que posteriormente os irá condenar a uma segunda morte.

A Operação Contenção rememora os Crimes de Maio, que apesar de cidades e organizações criminosas diferentes, a base da violência permanece a mesma. Entre 12 e 21 de maio do ano de 2006, os agentes de segurança do Estado de São Paulo e grupos de extermínio de policiais mataram sumariamente cerca de quinhentas e cinco pessoas em uma onda de retaliação ao grupo criminoso Primeiro Comando da Capital - PCC, que no dia 12 de maio do mesmo ano, fez diversos protestos e rebeliões violentas, envolvendo inclusive reféns, em resposta a ações que impactaram seu grupo. Segundo o relatório da Comissão Especial "Crimes de Maio" (CDDPH, 2013):

> Os atos atribuídos ao "Primeiro Comando da Capital" (PCC) tiveram como motivação: corrupção no sistema carcerário e nas investigações policiais; sequestro de familiar de membro da facção criminosa, executado por oficiais públicos; prisões da alta cúpula do PCC e suas transferências; e total descaso com a execução penal no Estado de São Paulo (BRASIL, 2013, p. 1-2).

Essa rebelião e as ações policiais no dia 12/05/2006, envolveram a morte de 33 agentes de segurança do Estado e 51 civis. O relatório não explicita se os civis mortos no dia 12 de maio foram vitimados pelo PCC, pelos agentes de segurança ou pelos dois. Já na onda de revide dos agentes de segurança, foram 454 civis mortos e 26 agentes de segurança mortos.

Um dos mortos se chamava Edson Rogério Silva dos Santos, filho de Débora Maria da Silva. Edson, que trabalhava como gari há quatro anos, foi morto aos 29 anos após ser abordado "por oito policias militares que ocupavam um veículo Blazer e dois Gol da Polícia Militar" (Amadeo et al., 2019). Observando casos semelhantes à morte de seu filho, Débora reuniu aos poucos as mães enlutadas, familiares e amigos e formou[4] o Movimento Independente Mães de Maio, conhecido como Movimento Mães de Maio. Apesar da presença de alguns pais, o movimento é formado prioritariamente por mães de vítimas. Atuante desde sua formação em 2006, o movimento busca justiça social e reparação histórica pela perda das vítimas. A formação inicial, que tinha como principal causa os Crimes de Maio, hoje acolhe mães que passam pelo mesmo processo de perda dos filhos para a violência do Estado Brasileiro. Como o próprio movimento se denomina:

> O movimento Mães de Maio é uma rede de Mães, Familiares e Amig@s de vítimas da violência do Estado Brasileiro (principalmente da Polícia), formado aqui no estado de São Paulo a partir dos famigerados Crimes de Maio de 2006 (MÃES DE MAIO, 2011, p. 20).

Além de atuar diretamente nas ruas com seus protestos, levando faixas, fotografias, cartazes, *banners* etc., o movimento também atua de forma digital, estando presente em plataformas como x.com, *blogspot, Facebook, Threads* e *Instagram*. O movimento também já esteve presente na plataforma Orkut, mas como foi descontinuada em 2014, não há maiores dados sobre a participação do movimento nesta rede (Moraes; Miguel, 2023). E essa presença digital em variadas plataformas, além de mostrar um engajamento nas redes que estão em alta em cada momento, também revela a importância dessa presença para o crescimento e apoio ao movimento, uma vez que conforme Martino (2014) escreve:

> Se, na internet, a voz do indivíduo pode cair em um oceano de outras vozes, a chance de ser ouvido é maior quando diversas pessoas se reúnem em torno de um interesse comum. No lugar de ser mais uma voz perdida no espaço virtual, torna-se um polo de convergência de várias vozes (Martino, 2014, p. 143).

O perfil do movimento no Instagram, @movimentomaesdemaio, será a rede social digital analisada neste artigo, pois, ao comparar as interações, constatou-se que é a plataforma

[4] Vale lembrar, que o movimento se formou em um processo de construção constante, formação de alianças e apoios fundamentais de voluntários jornalistas e demais profissionais, não sendo um movimento que simplesmente surgiu como algo dado.

com a participação mais ativa dos seguidores do movimento. Durante os quinze dias após a Operação Contenção, o movimento fez e compartilhou postagens contra a operação. Dentro deste cenário, uma força oposta foi o perfil do governador do estado do Rio de Janeiro, Cláudio Bomfim de Castro e Silva, @claudiocastrorj, conhecido como Cláudio Castro.

Apesar de não terem uma ligação direta, os dois perfis atuam como forças opostas dentro da plataforma, uma vez que de um lado, o Movimento Mães de Maio foi contra a Operação Contenção e o governador Cláudio Castro foi a figura central da operação, sendo o primeiro a declarar a operação como um sucesso.

O Governador Cláudio Castro é governador do estado do Rio de Janeiro desde 2021, quando assumiu o governo após o impeachment de Wilson Witzel. Conseguiu se eleger em 2022 com 4.930.288 votos, no 1º turno. Já foi filiado a seis partidos políticos, PSC, PSDB, PSC, PROS, PMDB e PSC, mas desde 2021, é filiado ao Partido Liberal (PL). Após a operação, conforme apurado por Dias (2025)[5], o perfil do governador quadruplicou o número de seguidores, saindo de 464 mil seguidores para 2 milhões, tornando-se o segundo governador com mais seguidores na plataforma no Brasil, atrás apenas do governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, que tem 5,5 milhões de seguidores.

Ambos os perfis, do Movimento Mães de Maio e do Governador Cláudio Castro, compartilham conteúdos produzidos pelo próprio perfil ou por terceiros. O governador inclusive faz postagens da rotina pessoal e da sua atividade enquanto governador em caráter institucional, apesar de ter um perfil exclusivo para postagens do governo, o @govrj. Com números de seguidores e públicos distintos, ambos os perfis postaram ou compartilharam conteúdos nos primeiros quinze dias após a Operação Contenção. Segundo Torezani (2022):

> Através das redes sociais atuais, as pessoas se comunicam e se tornam presentes em atividades de contato com o outro, que extrapola o espaço físico, tendo uma sociabilidade também no campo virtual. Com isso, é criada uma identidade digital que mantém fluxos de informações entre os participantes, que narram seu cotidiano ou performatizam suas vidas em busca de demonstrar situações vividas ou encenadas, mas com o exercício de se fazer ver (Torezani, 2022, p. 107).

[5] DIAS, Pâmela. Castro quadruplica seguidores após operação e só perde para Tarcísio entre os governadores. Blog do Lauro Jardim, O Globo, 3 nov. 2025. Disponível em: https://oglobo.globo.com/blogs/lauro-jardim/post/2025/11/castro-quadruplica-seguidores-apos-operacao-e-so-perde-para-tarcisio-entre-os-governadores.ghtml. Acesso em: 20 nov. 2025.

Ou seja, ambos os perfis estão presentes nas redes sociais digitais, em especial no Instagram, para amplificar o contato com o outro e se fortalecer enquanto movimento ou ator político. Ainda que não estejam em oposição direta, há uma disputa sobre o que foi a Operação Contenção, de um lado, os que são contra e do outro, os que a aplaudem. Conforme Martino (2014):

> O mundo virtual do ciberespaço, portanto, não se opõe ao que seria um mundo "real", das coisas desconectadas. Ao contrário, a noção de cibercultura leva em consideração que essas duas dimensões se articulam. A expressão "mundo virtual" pode se opor a "mundo físico", mas não a "mundo real". O mundo virtual existe enquanto possibilidade, e se torna visível quando acessado, o que não significa que ele não seja real (Martino, p. 31, 2014).

Martino (2014), apesar de não estar propondo exatamente essa perspectiva, nos possibilita pensar que o mundo virtual, no caso o Instagram, é um espaço onde o real se manifesta. No caso do Movimento Mães de Maio, a resistência em meio a um mundo real violento, que prende, julga, condena e mata jovens negros periféricos, se manifesta enquanto uma luta real no Instagram. Diante desse cenário, propomos pensar: em que medida o movimento utiliza o Instagram para disputar visibilidade e produzir resistência frente à narrativa sobre jovens negros e periféricos, como os mortos na Operação Contenção? O perfil do Governador Cláudio Castro no Instagram será o polo oposto ao que estamos chamando de resistência, uma vez que quem resiste, resiste a alguma força. Apesar de analisar dois perfis, o foco é o perfil do movimento. A relevância desta pesquisa pode ser pensada a partir do que Martino (2014) escreve:

> Afinal, quem participa das redes online são seres humanos ligados às redes do mundo desconectado, e as interferências entre os dois ambientes, até certo ponto, são inevitáveis. Assim como o mundo real é levado para as redes sociais digitais, as discussões online têm o potencial de gerar atitudes e ações no mundo físico (Sá Martino, p. 58, 2014).

Em outras palavras, a atividade online dos dois perfis não pode ser vista como algo banal, mas como potenciais forças que vão impactar o mundo real, que cada vez mais está em borramento entre o físico e o digital. Se o governador de um estado utiliza suas redes para elogiar uma operação que até o momento é considerada a mais letal da história do Rio de Janeiro e por outro lado, há um movimento que atua há mais de uma década com postagens opostas, há a necessidade de investigação para compreender como essas narrativas se manifestam nas

imagens postadas pelos dois perfis nos quinze primeiros dias da Operação Contenção, de 28 de outubro de 2025 a 11 de novembro de 2025.

Para alcançar os objetivos, utiliza-se a metodologia de "ouvir imagens" da autora Tina M. Campt. Por uma delimitação de espaço, dado o volume de 68 imagens, há um quadro com categorias a partir da proposta de Campt. Nele, se condensam as imagens, fazendo uma análise geral do *feed*, a linha do tempo em que se fixa o conteúdo postado por cada perfil.

Plataformas digitais

As ações do Movimento Mães de Maio e do governador Cláudio Castro são fotografadas, filmadas e postadas por eles nas plataformas digitais. O perfil do governador, além de ter mais seguidores, apresenta uma estética profissional, enquanto o do movimento tem menos adeptos e uma aparência amadora, sem identidade ou constância visual. Isso diz muito respeito às dificuldades do Movimento Mães de Maio de resistirem apesar de tudo e revela também o entendimento por parte do governador da sua presença online, uma vez que "a vida contemporânea é uma experiência midiática" (Orozco Gómez, 2014, p. 132). Ou seja, para o movimento terá o benefício do número de pessoas apoiando a causa e reconhecendo suas lutas, já para o governador será uma forma de ampliar seu número de eleitores. Vale lembrar o conceito de plataformas digitais, entendidas por Sandra Portella Montardo (2023) como:

> infraestruturas digitais (re)programáveis que facilitam e moldam interações personalizadas entre usuários finais e complementadores, organizadas por meio de coleta sistemática, processamento algorítmico, monetização e circulação de dados" (Montardo, 2023, p. 2).

Ou seja, são estruturas refinadas que possibilitam um grande alcance para os usuários que possuem poder econômico para investir nesse alcance, seja no sentido de produção de conteúdos profissionais ou no impulsionamento de publicações pagas. Neste cenário, é evidente que o perfil do governador no *Instagram* terá mais seguidores e chamaria a atenção se fossem os números contrários. Ainda assim, com seus 11,1 mil seguidores em detrimento dos 2 milhões de seguidores do governador, o Movimento Mães de Maio atua como um contrapoder, pois como afirma Orozco Gómez (2014) "a comunicação também está hoje na base do contrapoder, já que a luta contra esse poder ou poderes estabelecidos se realiza justamente através de questionar a hegemonia comunicacional midiática" (Orozco Gómez, 2014, p. 130).

O Movimento Mães de Maio rompe com narrativas hegemônicas sobre quem são esses jovens periféricos e também são maneiras de contrapoder dentro das plataformas digitais ao ir aos poucos conquistando novos seguidores em seu perfil, mostrando possibilidades outras de quem são essas pessoas com aspecto semelhante mortas nessas operações midiatizadas de forma espetacularizada.

Nick Couldry (2019) escreve sobre um processo contemporâneo chamado dataficação. "Por dataficação, quero me referir à pressão sentida em todos os lugares atualmente, incluindo as empresas de televisão, para converter todos os aspectos da vida em dados, dos quais valores, em especial valores econômicos, podem ser extraídos" (Couldry, 2019, p. 409). Estes dados, além de dados vendidos no sentido comercial e na perspectiva de Couldry sobre a dataficação e o capitalismo, também são dados que podem servir como legitimação de discursos hegemônicos. Ao produzir conteúdos profissionais, como filmagens aéreas e fotografias de apreensões postadas de formas espetaculares em seu perfil, o governador aumenta seu engajamento na plataforma, em que o algoritmo aumenta o alcance do conteúdo para mais usuários. E desses dados do engajamento, como comentários, podem ser extraídos outros dados valiosos que possibilidade aferir o humor dos usuários e garantir a produção de conteúdos que cada vez mais terão mais alcance. Uma espécie de engrenagem que favorece quem já está no topo e dificulta a vida de quem não tem o poder de pagar equipes profissionais de marketing para fazer essa engrenagem rodar.

Por consequência, esse crescimento de narrativas hegemônicas produz uma sensação de maioria em relação a uma minoria, quando se trata dos números de seguidores, curtidas e comentários. E por consequência, uma relação do que deve ser importante contra o que não tem importância. Embora analise a dataficação em sua relação com o capitalismo, Couldry (2019) oferece pistas valiosas para compreender a importância de perfis como o do Movimento Mães de Maio na construção de alternativas dentro desse cenário. Como destaca o autor, "precisamos de instituições midiáticas [...] mais do que nunca, para trazer visões de mundos sociais que são mais do que extração automatizada de dados" (Couldry, 2019, p. 429). Ou seja, mais do que nunca, precisam-se de narrativas que rompam com hegemonias de grupos privilegiados que perpetuam violências que não acabam com os problemas reais, uma vez que a criminalidade, desde o surgimento destes grupos criminosos, não acabou, mas se aperfeiçoa cada vez mais.

As imagens postadas pelo perfil do governador, também podem não ter o resultado que se espera, ou podem ser utilizadas por outros perfis para criticar a operação. O mesmo pode vir

a ocorrer com as imagens do movimento. Essa questão da imprevisibilidade pode ser entendida pelo que Denise Cogo (2019) escreve:

> Não há garantia, por tanto, de que os sentidos apropriados pela recepção sejam os mesmos que propõem os produtores dos meios de comunicação, já que os receptores negociam permanentemente esses sentidos com base nas suas experiências e práticas individuais e coletivas (Cogo, 2019, p. 4, tradução nossa[6]).

Ou ainda ao que Sanchotene (2018) escreve em sentido semelhante:

> há um trabalho discursivo realizado em uma zona estabelecida no encontro entre as gramáticas de produção e as gramáticas de reconhecimento, que aponta para efeitos imprevisíveis segundo as expectativas das estratégias do campo midiático (Sanchotene, 2018, p. 54).

Portanto, apesar dessa diferença de números de curtidas e comentários, não é possível, dentro dos limites deste artigo, fazer uma análise sistemática que dê conta do conteúdo destes comentários ou intenção das curtidas, pois podem ser comentários para criticar ambos os perfis, comentários de robôs ou pessoas que seguem por esses perfis por alguma questão profissional, como repórteres, por exemplo ou ainda quem utiliza o recurso de curtir para salvar uma publicação[7]. Essa imprevisibilidade também nos faz refletir sobre os usuários ou a audiência não serem passivos diante das publicações nos dois perfis. Pelo contrário, as audiências cada dia mais são críticas, participativas e produtoras. Portanto, apesar de comentar sobre o número de curtidas em ambos os perfis, a análise em si será sobre as imagens. Conforme Livingstone (2018), uma análise completa do poder midiático exigiria também investigar a recepção dessas imagens pelas audiências, o que fica como possibilidade para pesquisas futuras, pois, não é o foco do método de Campt.

Metodologia

> o poder hoje em dia se exerce ao manter o controle através da visibilização (invisibilização) de certas ideias, lógicas, narrativas, opiniões, juízos, atores sociais e "figuras de razão" particulares, favoráveis e legitimadas com os recursos audiovisuais, e em especial com as imagens (Orozco Gómez, 2014, p. 129-130)

[6] No original: "*No hay garantía, por tanto, de que los sentidos apropiados por la recepción sean los mismos que proponen los productores de los medios de comunicación, ya que los receptores negocian permanentemente esos sentidos en base a sus experiencias y prácticas individuales y colectivas*".
[7] Nas configurações do Instagram, é possível revisitar todos os conteúdos que o usuário curtiu.

Conforme exposto por Orozco (2014), o poder exercido em colocar ou não em visibilidade determinadas imagens é algo que faz parte do contemporâneo. Os perfis, ao postarem suas imagens, também estão nessa dinâmica, mostrando imagens que podem fazer padecer, mas também reiterar violências. No entanto, a imagem, mesmo planejada para tornar algo visível, também oculta alguma coisa além, e esse algo além é percebido em um determinado nível de atenção que a autora Tina. M. Campt (2017) irá chamar de nível háptico, uma forma de ouvir as imagens, explicada ao decorrer do texto. Portanto, dois aspectos são importantes para trabalhar a metodologia nesta pesquisa. Primeiro, é necessário considerar que a violência do Estado Brasileiro atinge principalmente homens jovens, negros e periféricos, de forma ampla, como evidenciado nos Crimes de Maio e na Operação Contenção; por isso, é preciso mobilizar uma metodologia que se alinhe a essa realidade. Segundo, para atender a metodologia, também será necessário partir de uma perspectiva pessoal para analisar as imagens postadas nos dois *feeds*. Utilizamos a metodologia proposta por Tina Campt (2017), em que a autora propõe uma abordagem que vai além da análise visual tradicional, a partir de um método visual chamado de ouvir imagens. Segundo a autora:

> a escolha de "ouvir" em vez de simplesmente "olhar" imagens é uma decisão consciente de desafiar a equação entre visão e conhecimento, engajando a fotografia através de um registro sensorial que é crítico para as formações culturais do Atlântico Negro: o som (Campt, 2017, p. 6, tradução nossa).[8]

O som, que tem como característica básica para existir, a vibração, é a metáfora neste método de Campt. "As frequências mais baixas dessas imagens registram-se como o que descrevo como 'som sentido' — som que, como um zumbido, ressoa em e como vibração (Campt, 2017, p. 7, tradução nossa)"[9]. Inclusive, pessoas surdas podem ter experiências com os sons através de vibrações. É uma proposição que parte de uma relação com a imagem, não no sentido de analisar ou interpretar seu conteúdo como a possível intenção do autor da obra, mas é uma proposta de proposta a partir de como ela, fisicamente, daí a metáfora do som, me faz sentir ou o que isso me traz a responder.

[8] No original: *"[...] the choice to 'listen to' rather than simply 'look at' images is a conscious decision to challenge the equation of vision with knowledge by engaging photography through a sensory register that is critical to Black Atlantic cultural formations: sound."*

[9] No original: "*The lower frequencies of these images register as what I describe as 'felt sound'—sound that, like a hum, resonates in and as vibration*".

> Essas imagens exigem que façamos mais do que apenas ver a estase, pois capturam formas invisíveis de movimento mantidas em suspensão tensa. Sua estase registra além do que vemos, como as vibrações que formam a base fundamental da frequência sônica. [...]. Sua estase exige que ouçamos as frequências infrassônicas das imagens que são registradas através do sentimento, em vez da visão ou do som audível (Campt, 2017, p. 52, tradução nossa).

Logo, é imprescindível que a análise das imagens dos dois *feeds* seja, mas não somente, em uma perspectiva pessoal, mas a partir de categorias de análise a partir de Tina M. Campt (2017): *quiet*, frequências baixas ou nível háptico, recusa, gramática de futuridade e estase. A seguir, cada categoria é explicada a partir de Campt (2017) e associada à pergunta que orienta a análise.

O primeiro conceito é o *quiet*. Para Campt (2017), "[...] o *quiet* não deve ser confundido com silêncio. O *quiet* se registra sonoramente, como um nível de intensidade que exige atenção focada" (Campt, 2017, p. 6, tradução nossa)[10]. A pergunta que orienta a leitura é: que frequências cada imagem emite e qual o nível de atenção para perceber essas vibrações? Trata-se de uma categoria que permite analisar a imagem a partir de uma primeira percepção sobre ela em termos de escuta. Quanto tempo devo observar para perceber algo na imagem? A aplicação dessa categoria aos dois perfis está sintetizada no Quadro 1.

A segunda categoria é a das frequências baixas, ou nível háptico. Campt (2017) escreve: "Este livro propõe um modo háptico de se engajar com as frequências sonoras das fotografias" (Campt, 2017, p. 8, tradução nossa).[11] Sobre o que se percebe, ou no caso escuta, nessas frequências, a autora escreve: "Atentar às suas frequências mais baixas significa estar sintonizado com as conexões entre o que vemos e como isso ressoa" (Campt, 2017, p. 33, tradução nossa).[12] É uma categoria que nos ajuda a compreender o que a imagem nos faz fazer e como ela nos faz responder.

A terceira categoria é a recusa. Para Campt (2017), "a prática cotidiana de recusa que estou descrevendo é definida menos por oposição ou 'resistência' e mais por uma recusa das próprias premissas que reduziram a experiência vivida da negritude à patologia e à

[10] No original: *"[...] quiet must not be conflated with silence. Quiet registers sonically, as a level of intensity that requires focused attention"*.
[11] No original: *"This book proposes a haptic mode of engaging the sonic frequencies of photographs"*.
[12] No original: *"Attending to their lower frequencies means being attuned to the connections between what we see and how it resonates"*.

irreconciliabilidade na lógica da supremacia branca" (Campt, 2017, p. 32, tradução nossa).[13] Essa categoria nos permite perguntar; o que essas imagens estão recusando? O que está sendo negado por quem posta?

A quarta categoria é a gramática de futuridade. Segundo Campt (2017), "a gramática da futuridade feminista negra é a performance de um futuro que ainda não aconteceu, mas deve acontecer" (Campt, 2017, p. 17, tradução nossa).[14] Trata-se de uma categoria que nos permite pensar; qual performance de futuro está sendo feita? Ou, no caso do perfil do governador, qual plano de governo é possível prognosticar pelas imagens que aparecem.

A quinta categoria é a estase. Campt (2017) parte da ideia de que "[...] a estase não é nem uma ausência nem uma cessação do movimento; é um contínuo balanceamento de múltiplas forças em equilíbrio" (Campt, 2017, p. 9-10, tradução nossa)[15]. Tensionamentos perceptíveis nos corpos que aparecem nas imagens, como expressões sérias e ausências de sorrisos, são possíveis de serem analisados a partir da pergunta; o que está sendo contido?

Análise

No período de 28 de outubro de 2025 a 11 de novembro de 2025, o perfil @movimentomaesdemaio postou 22 imagens[16]. Já o perfil @claudiocastrorj postou nesse período 46 imagens. Ainda que não seja exata, pelo grande número de reações de curtidas, devido a dinâmica do próprio Instagram, em que os usuários reagem com um coração positivamente, às vezes sem querer ou até mesmo utilizando robôs, o resultado de curtidas pode estar em constante mudança. Mas de todo modo, o número aproximado de curtidas nas publicações de cada perfil são as seguintes: no perfil do governador Cláudio Castro, houve uma movimentação de aproximadamente 12,6 milhões de curtidas nas publicações que estão dentro do período de tempo já mencionado. O perfil do Movimento Mães de Maio teve uma movimentação de 4.350 mil curtidas. É um grande abismo entre um perfil e outro em termos de curtidas. O quadro, a partir da proposta de Campt (2017), abaixo, revela mais diferenças.

[13] No original: *"The quotidian practice of refusal I am describing is defined less by opposition or 'resistance,' and more by a refusal of the very premises that have reduced the lived experience of blackness to pathology and irreconcilability in the logic of white supremacy."*
[14] No original: *"The grammar of black feminist futurity is a performance of a future that hasn't yet happened but must."*
[15] No original: *"[...] stasis is neither an absence nor a cessation of motion; it is a continual balancing of multiple forces in equilibrium."*
[16] Como será uma análise do *feed*, as imagens de capa dos vídeos, *thumbnails*, serão consideradas imagens estáticas também.

Quadro 1 – Análise comparativa das imagens segundo categorias de Campt (2017).

Categoria	@movimentomaesdemaio	@claudiocastrorj
QUIET	As imagens exigem escuta atenta. Há imagens com pessoas de costas, não mostrando o rosto. Mas, apesar de não serem espetaculares, também há imagens de pessoas em movimento.	As imagens são espetaculares e possuem frequência alta. São imagens que transmitem movimento, ação e protagonismo do governador.
FREQUÊNCIAS BAIXAS OU NÍVEL HÁPTICO	As imagens passam sensação de amadorismo estético, improviso, esforço, falta de mão de obra especializada, luta para resistir postando, coligação em postagens compartilhadas, falta de frequência coerente nas postagens, trabalho feito à mão.	As imagens vibram planejamento estratégico de marketing, fotografia com alta resolução, frequência coerente de postagens, trabalho feito por uma equipe profissional.
RECUSA	As imagens se negam a aceitar um destino trágico, trazendo punhos cerrados ao ar, união, ajuntamento, movimento e resistência. Recusam reduzir pessoas à mortos, mostrando rostos e não somente corpos. Recusam que os mortos sejam somente vítimas, mas também pessoas com famílias e uma história. Recusam silêncio ao denunciarem.	As imagens recusam a participação de jovens negros e periféricos, não aparecendo nenhum nas imagens ou *thumbnail* em nenhuma das 46 postagens. Recusam a letalidade, trazendo imagem em posição de cabeça erguida, em momento religioso, ocupando mesas de discussões. Recusam formas de combater o crime que não seja pela letalidade, com uma imagem do governador ao centro enquanto policiais passam com fuzis. Recusam o crime organizado.
GRAMÁTICA DE FUTURIDADE	A gramática da futuridade nas imagens é dual, apontando para uma mudança que deve vir, mas também para um passado que continua e continuará se algo não for feito. Como em duas imagens que possuem texto aplicados, onde em uma está “A democracia das chacinas não acabou” e outra escrito “SP se levanta contra o genocídio”.	A futuridade das imagens aponta para um futuro branco, exemplificado na postagem do dia 11/11/25 que traz a foto de uma formatura de um curso para mulheres, a maioria predominantemente branca. Aponta para uma futuridade de uma gestão aliada à religiosidade e apontam para uma perpetuação da letalidade com imagens com textos escritos “soma ou some” e “nós não iremos retroceder”.
ESTASE	Há uma tensão nas imagens com punhos erguidos, mas em uma dela há sorriso. Há uma contenção do desespero ou desamparo do luto, mostrando sempre mães em movimento, apesar de tudo.	Há uma grande contenção de sorriso nas imagens, contenção de movimentos amplos com os braços, uma rigidez corporal.

Fonte: Elaborado pelo autor baseado em Tina. M. Campt (2017)

Para ilustrar a leitura do Quadro 1, apresentam-se a seguir duas imagens, uma de cada perfil. Como o total de imagens no intervalo selecionado é grande, optamos por duas imagens que ilustrem a análise.

Figura 1 – Governador Cláudio Castro em coletiva com agentes de segurança.



Fonte: Instagram (@claudiocastrorj), 28 out. 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/DQWz0IRjaMV/. Acesso em: 11 nov. 2025.

Pensando a partir da categoria *quiet*, a figura 1 mostra o governador em uma coletiva de imprensa, de terno, com agentes de segurança ao redor e diante de um púlpito com microfones de diversos veículos de imprensa. É uma imagem de frequência alta, uma vez que seus elementos são rapidamente perceptíveis e ligados a uma ideia de produção institucional e ao protagonismo da situação.

Figura 2 – Integrante do Movimento Mães de Maio de costas.



Fonte: Instagram (@movimentomaesdemaio), 2 nov. 2025. Disponível em: https://www.instagram.com/reel/DQklO6WCFJm/. Acesso em: 9 nov. 2025.

Já a figura 2, mostra uma mulher de costas, no caso a fundadora do movimento, Débora, sem o rosto à vista, com o braço erguido e o punho cerrado diante de um monumento que também têm os braços levantados. Também pensando a partir da categoria *quiet*, a imagem de Débora parece, em um primeiro momento, um gesto de resistência acompanhado da frase na blusa. Complementando a partir de uma leitura háptica, seu gesto se funde ao mesmo das pessoas representadas no monumento, dando uma ideia de causa em comum.

A análise no quadro, a partir das categorias do método de ouvir imagens, nos permite refletir sobre qual ordem social esses discursos querem imprimir na sociedade. Enquanto o perfil do Movimento Mães de Maio tem imagens em que é necessária uma atenção no nível da vibração sonora para entender como a imagem opera, as imagens do perfil do governador Cláudio Castro são ensurdecedoras e espetacularizadas, quase gritam uma performance de que a operação deu certo e que o governo está em constante ação no combate ao crime.

A recusa, enquanto categoria, revela o que as Mães de Maio fazem desde o início do movimento em 2006, a recusa do apagamento, da redução de pessoas à mortos em estatísticas de propaganda de governo, recusam o silenciamento. Por outro lado, o perfil do governador recusa a presença desses jovens negros e periféricos, independentemente de qualquer crime que tenham cometido. Não há a presença de corpos negros nas imagens desse período de 15 dias. E recusa a letalidade da operação. São recusas que caminham em direções opostas.

Em relação a futuridade, levando em conta que para Tina. M. Campt (2017) afirma que a fotografia tem uma relação com o futuro, quem fotografa o faz com a intenção de ser visto posteriormente. As imagens, não somente as fotográficas, do movimento vibram uma justiça por vir, uma luta que não acabou, um luto que se transforma em luta. Isso não ocorre no perfil do governador, que projeta uma futuridade marcada pela repetição das ações letais.

Por fim, ao ouvir as imagens nos dois perfis, é possível notar que o governador está amparado por assessorias, profissionais especializados em redes sociais e principalmente, verba, ao produzir conteúdos profissionais, com identidade visual e boa resolução. O movimento, por sua vez traz descompassos de publicações, uma produção amadora, mas que revela esforço e coletividade, uma resistência que se faz pela persistência, mesmo com as dificuldades em plataformas que priorizam não o conteúdo, mas qual conteúdo será mais rentável ou quem poderá pagar mais para que se gere e se obtenha cada vez mais dados das audiências.

Considerações finais

Este artigo buscou compreender em que medida o Movimento Mães de Maio utiliza o Instagram para disputar visibilidade e produzir resistência frente à narrativa sobre jovens negros e periféricos, como os mortos na Operação Contenção. Ao fazer uma análise a partir do método de ouvir imagens, de Tina M. Campt, comparando com a força oposta à opinião do movimento em relação a operação, no caso o perfil no Instagram do governador Cláudio Castro, revelou-se que há uma grande assimetria entre os perfis em relação a números e vibrações nas imagens. E mesmo com um número bem menor de engajamento e infraestrutura, o perfil do movimento traz imagens que têm potencial de resistir a narrativas hegemônicas. Do Blogspot ao Instagram, o Movimento Mães de Maio vibra uma futuridade de que a luta não é e nem será em vão e que perfis que estão com milhões de seguidores podem estar propagando ideais antigos e comprovadamente ineficazes.

Pela quantidade de dados e limitações técnicas, não foi possível fazer um estudo sobre a recepção, que conforme citado no artigo, Livingstone (2018) seria o ideal para não cairmos em um senso comum de que os dois perfis por si só fariam alguma mudança na sociedade, sem levar em conta um estudo de quem está entrando em contato com este conteúdo. Por isso, o método de ouvir imagens foi o mais adequado para esta abordagem, mesmo que não fosse o ideal. Ainda assim, o método nos permitiu notar que, se dedicarmos atenção absoluta às pautas do movimento, poderemos sentir vibrações de jovens negros e periféricos que anseiam por futuros além de propaganda antinegra em perfil de políticos.

Referências

AMADEO, J. et al. **Violência de Estado no Brasil**: uma análise dos Crimes de Maio de 2006 na perspectiva da antropologia forense e da justiça de transição – relatório final. São Paulo: UNIFESP, 2019. Disponível em: https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/49828 Acesso em: 16 nov. 2026.

BIONDI, K. *Junto e misturado*: uma etnografia do PCC. São Paulo: Terceiro Nome, 2010.

BRASIL. Conselho de Defesa dos Direitos da Pessoa Humana (CDDPH). Comissão Especial "Crimes de Maio". **Relatório sobre os Crimes de Maio de 2006**. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, 2013.

CAMPT, T. **Image Matters**: archive, photography, and the African diaspora in Europe. New York: Duke University Press, 2012.

CAMPT, T. **Listening to images**. New York: Duke University Press, 2017.

COGO, D. **Los estudios de recepción en América Latina**: perspectivas teórico-metodológicas. Portal Comunicación, InCom, UAB, 2019.

COULDRY, N. Do mito do centro mediado ao mito do Big Data: reflexões sobre o papel da mídia na ordem social. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 16, n. 47, 2019. Disponível em: https://revistacmc.espm.br/revistacmc/article/view/2126 Acesso em: 16 nov. 2026.

DIAS, P. Castro quadruplica seguidores após operação e só perde para Tarcísio entre os governadores. Blog do Lauro Jardim, **O Globo**, 3 nov. 2025. Disponível em: https://oglobo.globo.com/blogs/lauro-jardim/post/2025/11/castro-quadruplica-seguidores-apos-operacao-e-so-perde-para-tarcisio-entre-os-governadores.ghtml. Acesso em: 20 nov. 2025.

'ERA uma chuva de tiros': os relatos de policiais do Bope que participaram de resgates na megaoperação. **O Globo**, Rio de Janeiro, 7 nov. 2025. Disponível em: https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2025/11/07/era-uma-chuva-de-tiros-os-relatos-de-policiais-do-bope-que-participaram-de-resgates-na-megaoperacao.ghtml. Acesso em: 24 nov. 2025.

IRMÃO de policial civil morto na operação da Penha e Alemão vai ao Bope agradecer sargento que rastejou para tentar resgatá-lo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 20 nov. 2025. Disponível em: https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2025/11/20/irmao-de-policial-civil-morto-na-operacao-da-penha-e-alemao-vai-ao-bope-agradecer-sargento-que-rastejou-para-tentar-resgata-lo.ghtml. Acesso em: 24 nov. 2025.

LIVINGSTONE, S. Audiences in an age of datafication: critical questions for media research. **Television & New Media**, v. 20, n. 2, p. 170-183, 2018. DOI: https://doi.org/10.1177/1527476418811118. Disponível em: https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1527476418811118 Acesso em: 16 nov. 2026.

MARTINO, L. M. S. **Teoria das mídias digitais**: linguagens, ambientes, redes. Petrópolis: Vozes, 2014.

MONTARDO, S. P. Estudos de plataforma no Brasil: levantamento de artigos científicos. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 46., 2023, Belo Horizonte. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2023. Disponível em: https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202313224364dcf7d333aeb.pdf Acesso em: 16 nov. 2026.

MORAES, E. C.; MIGUEL, K. G. O Movimento Mães de Maio no Facebook: quais assuntos interessam a essas mães ativistas? In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 46., 2023, Belo Horizonte. **Anais** [...]. São Paulo: Intercom, 2023. Disponível em: https://nev.prp.usp.br/wp-content/uploads/2024/07/Intercom-2023-Evelise-Couto-Moraes-Maes-de-Maio.pdf.

NENHUM dos 115 mortos divulgados em megaoperação consta em decisão judicial. **CNN Brasil**, São Paulo, [2025]. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sudeste/rj/nenhum-dos-115-mortos-divulgados-em-megaoperacao-consta-em-decisao-judicial/. Acesso em: 24 nov. 2025.

OROZCO GÓMEZ, G. A explosão da dimensão comunicativa: implicações para uma cultura de participação das audiências. In: ROCHA, R. de M.; OROFINO, M. I. R. (org.).

Comunicação, consumo e ação reflexiva: caminhos para a educação do futuro. Porto Alegre: Sulina, 2014.

POLÍCIA Civil precisou remarcar megaoperação na Penha porque acesso que seria usado por agentes foi fechado com muro pelos traficantes. **O Globo**, Rio de Janeiro, 13 nov. 2025. Disponível em: https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2025/11/13/policia-civil-precisou-remarcar-megaoperacao-na-penha-porque-acesso-que-seria-usado-por-agentes-foi-fechado-com-muro-pelos-traficantes.ghtml. Acesso em: 24 nov. 2025.

RIO DE JANEIRO (Estado). **Sobre o Governo**. Rio de Janeiro: Governo do Estado, [2025]. Disponível em: https://www.rj.gov.br/pagina/sobre-o-governo9806. Acesso em: 24 nov. 2025.

RJ: 115 mortos em operação são identificados; 8 eram de Goiás. **Diário do Estado GO**, Goiânia, [2025]. Disponível em: https://diariodoestadogo.com.br/rj-115-mortos-em-operacao-sao-identificados-8-eram-de-goias-558372/. Acesso em: 24 nov. 2025.

VALLADARES, L. do P. **A invenção da favela**: do mito de origem a favela.com. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

Recebido em: 31 de agosto de 2026
Aceito em: 6 de novembro de 2026